

A importância das identidades culturais

Sandra Baptista

O grande objectivo desta intervenção foi falar sobre a importância da criação de identidades culturais. Tendo em linha de conta os motivos pelos quais o artesanato assume uma importância cada vez maior, numa época onde a globalização marca as regras parece pertinente analisar o interesse de alguns públicos por uma matéria que, aparentemente, passa tão longe da global e massificada cultura.

Põe-se termo a esta dissertação com a apresentação de uma instituição portuguesa, CRAT (Centro Regional de Artes Tradicionais) que tem como principal função a promoção de iniciativas que se prendam com a defesa de algo que pertence à nossa cultura: o artesanato.

A Técnica

A tecnicidade é, tal como a roupa que escolhemos para vestir, um dos aspectos essenciais que nos caracteriza e nos insere num determinado grupo de pessoas da mesma cultura, que partilham dos mesmos rituais.

Não há experiência humana sem técnica, até as mais simples tarefas são acompanhadas de uma tecnicidade que varia de cultura para cultura. O simples facto de termos que nos deslocar a algum sítio, implica uma maneira própria de andar que difere de povo para povo. A capacidade de olhar e perceber a realidade, varia consoante o grupo social porque as técnicas de olhar são diferentes. A maneira como se descasca uma peça de fruta ou mesmo a forma como ela é comida, tem a ver com a técnica, embora o acto de comer se destine a satisfazer um instinto (fome). Não há maneira de satisfazer os nossos instintos naturalmente, ou seja, sem recurso à técnica. Estamos tão imbuídos na tecnicidade que acabamos por, ou entendê-la como um acto natural, ou entende-la como exterior a nós próprios. Mas, ela não é mais do que a forma que o ser humano encontrou para se ajustar ao mundo e tornar possível a sua vivência.

Na antiguidade, a técnica era, sobretudo, um conjunto de acções que tinha em vista a manipulação do mundo natural. Com o decorrer dos

tempos foi tomando corpo, à medida que as necessidades provocadas pela modernidade assim o exigiam. Passou então, a ser também um conjunto de processos organizados em sistemas à imagem da estruturação dos seres vivos. Hoje, a técnica atinge um nível de complexidade muito semelhante ao do nosso sistema nervoso, exemplo disso é o que sucede com o mundo cibernético.

A *techne* grega

“Antífoco, apesar da tua juventude, és caro a Zeus e a Posidon, e eles ensinaram-te a arte de guiar e todos os seus meios. Assim, não há necessidade alguma de te instruir: sabes virar bem em torno das marcas. Mas os teus cavalos são mais lentos. Por isso julgo que hás-de ter dificuldades. Os outros têm cavalos mais rápidos; mas, por si mesmos, eles não sabem encontrar mais ideias que tu. Portanto, meu amigo, põe na tua alma ideias de todas as espécies para que os prémios te não escapem. **O lenhador vale mais pela ideia do que pela sua força ...**” (*in* Canto XIII da *Ilíada*)

É importante que, neste percurso que se vem delineando, se refira o contributo que o povo Grego nos legou, pois pode dizer-se que tinham um verdadeiro património no que toca a experiências técnicas, muitas delas de reconhecida importância para a Humanidade e que se mantiveram intactas, pelo menos, até à Revolução Industrial.

Descobertas como a do ferro, do bronze ou do cobre possibilitaram a construção das alfaias agrícolas, que permitiram o cultivo intensivo e, conseqüentemente, excedentes de produção. Daí aparecer a necessidade de contabilizar, armazenar, distribuir e comercializar os excedentes. Começaram a sedimentar-se as primeiras proto-cidades, donde surgiu a necessidade de estratificação social, criando categorias hierarquicamente organizadas. O pensamento e a observação começam a ter importância por intermédio de experiências que lhes permitiam um maior domínio sobre a natureza. Nasceram também as primeiras formas de escrita, resultantes da necessidade de fazer registos e anotações.

A atitude ambivalente perante a técnica

Se, por um lado, pensamos na evolução da técnica como algo de útil, que nos liberta de inúmeros problemas, por outro lado, há uma sensação de medo que nos acompanha, há sempre o risco da falha e do descontrolo, ficando sujeitos a vários tipos de acidentes. Podemos dizer que temos uma atitude ambivalente perante a técnica, atitude que, aliás, sempre nos acompanhou e cada vez parece mais nítida, devido ao fosso criado entre o mundo natural e o mundo técnico, confrontados com a nossa experiência, com tendência para aumentar à medida que a técnica evolui. Cria-se assim, uma estranha relação entre o mundo técnico e o mundo humano, preconizando este último uma experiência baseada nas regras antigas, muitas delas com origem na criação das sociedades e que pouco têm a ver com as experiências vividas actualmente.

Um dos efeitos mais notórios desta tecnicização é a globalização. As fronteiras geográficas já não delimitam o espaço de acção do indivíduo, as identidades culturais tornam-se mais fluidas e dão origem a outras identidades.

A tecnicidade primitiva ...

... ou mágica utiliza as palavras para evocar determinadas acções. Consiste na confusão entre o nome e a coisa. Assim, pelo facto de proferirmos um conceito, não quer dizer que a coisa se torne nesse conceito. É uma tecnicidade feiticeira, ingénua, não reflectida, que se pode comparar aos comportamentos de uma criança até aos cinco anos de idade. Comporta os gestos embrionários da tecnicidade. Na verdade, continuamos, ainda que em mínimos pormenores, a reproduzir gestos, que guardam potencialidades das técnicas originárias. Seria interessante fazer uma análise no sentido de redescobrir esses gestos, que são as nossas raízes.

A tecnicidade tradicional

Este tipo de tecnicidade já procura encontrar uma lógica baseada na intervenção de dispositivos que complementem as atitudes, onde a transmissão de informação é feita entre gerações. Assistimos então, ao surgimento de organizações corporativas caracterizadas por um tipo de saber técnico e baseadas nas relações entre mestre (detentor do saber) e aprendiz (sujeito a um conjunto de rituais

de iniciação a uma profissão) que tem como pretensão máxima, ascender ao papel de mestre.

Os instrumentos são de carácter bastante elementar e é necessária a presença do homem para a sua manipulação, homem que aqui desempenha o papel de indivíduo técnico. O objecto técnico é, por excelência, o objecto artesanal, de lógica simples mas com uma relativa complexidade a nível técnico e carrega consigo uma singularidade, que lhe é atribuída pela marca pessoal do artesão. Este tipo de artefactos só funciona integrado num contexto no seio de uma comunidade em que todos partilham das mesmas experiências. No entanto, este saber só funciona associado à comunidade do "mundo vivido", indissociável do saber técnico tradicional, bem ao contrário da universalidade que se verifica nos artefactos da era moderna. O saber tradicional está confinado a um espaço físico com barreiras bem definidas.

A tecnicidade moderna

Caracterizada pela época do "pret-a-porter", das mudanças cada vez mais aceleradas, que provocam fortes embates, não só no campo económico, como também no campo cultural. A atitude ambivalente que geralmente temos perante a técnica começa a ser mais evidente, a diferença que tornava as duas linhas de pensamento opostas é agora mais notória. Quer-se com isto dizer que, se cada vez mais os objectos técnicos nos facilitam o dia-a-dia, o risco que corremos é também cada vez maior e o aparente controlo que possuímos, torna-se mais ténue.

O saber científico apoia-se essencialmente na observação e experimentação, no sentido de uma maior racionalização. É um saber que abarca, não apenas uma pequena comunidade rural que se encontra dentro de um contexto cultural bastante específico, para passar a ser um saber comum àqueles que se interessam pela matéria em causa, não estando constrangidos pelo espaço geográfico. Enquanto que, a formulação discursiva no saber tradicional era essencialmente feita pela oralidade, agora, o discurso racional metodicamente regulado por leis e fenómenos, torna-se mais adequado às necessidades.

Os objectos técnicos são concebidos mediante leis que regulam e fundamentam o seu funcionamento. O saber surge dividido, num saber mais científico, que é do domínio dos engenheiros e num saber mais mecânico, executado pelos operários. É a nítida divisão de saberes: o conhecimento científico

sabe explicar o funcionamento das coisas e o porquê da sua disposição (para o primeiro caso) e o conhecimento mecânico sabe fazer, sabe montar, tornar os objectos em realidades (no segundo caso). Os objectos tornam-se cada vez mais autónomos e estruturalmente semelhantes à forma do ser humano. A invenção técnica passa a ser o resultado da intersecção entre as leis existentes e a fase de conhecimento que já se constituiu sobre a matéria, mais qualquer coisa, que consiste numa mais-valia para o objecto.

Recentemente, pode fazer-se uma distinção da tecnicidade moderna em dois tipos: a maquinica (predominantemente mecânica e física, permitindo a saída de objectos em série e a autonomização da máquina em relação ao homem) e a sistémica (com a aplicação de técnicas biológicas, utilizando os princípios reguladores do modo de funcionamento dos seres vivos). Na era dos dispositivos cibernéticos surge uma nova ambivalência perante a técnica. Se por um lado, há uma rede neural que conecta vários indivíduos, independentemente do espaço geográfico onde se situam, por outro lado, a experiência humana é substituída por um outro tipo de experiência baseada no novo “modus vivendi”, totalmente diferente do anterior. Consequências? Ainda é muito cedo para se começarem a sentir, visto que somos a primeira geração a passar por esta “onda de vivências” e ainda não houve tempo para retornos.

A globalização

As mudanças que se fazem sentir numa parte do globo, também são sentidas, da mesma forma em tantos outros sítios o que pode ser um facto agradável como um facto extremamente incómodo. Mas, é o risco que corremos, não apenas nós ou os nossos vizinhos, como também um indivíduo que esteja num qualquer lugar do mundo. A globalização, característica, por excelência da cultura dos Estados Unidos, que, por força do seu poderio político-económico se alastrou a muitos outros países, como se de uma epidemia se tratasse, vestindo as principais avenidas das grandes cidades com semelhantes locais de venda, mostrando a mesma linha de ideias, de tal forma que, a sensação de estar numa zona comercial de Nova Iorque é muito semelhante à de estar numa zona comercial em Paris, Amsterdão, Londres ou Bruxelas.

Vivemos num mundo de mudanças constantes que perturbam a nossa vida e nos empurram para uma ordem global, com resultados ainda desconhecidos,

dado que nos anos 80 o termo “globalização” era desconhecido para a maioria das pessoas. Alguns efeitos já se começam a notar, por exemplo na perda de soberania dos Estados. O poder é uma força que acompanha sempre o grupo de criadores e detentores de dinheiro que, actualmente, passou a ser dos empresários e dos grandes grupos económicos, com grande poder de influência na conjuntura financeira e, conseqüentemente, política de um Estado. Este facto não precisa de muitas explicações em sua defesa, basta analisarmos a estratégia político-financeira de apoio ao grande investimento nacional e estrangeiro, fomentando o desenvolvimento com base na criação de grandes unidades para produção mundialmente massificada. Lembremos ainda o que aconteceu em Portugal com o caso da empresa dos queijos Limiano. Não surpreende por isso, que haja uma falta de respeito generalizada em relação ao poder político e que a palavra nação, - na linha de pensamento de Anthony Guiddens -, venha a fazer parte apenas do mundo da ficção. O volume do comércio externo, com tendência a crescer cada vez mais, atingiu uma importância que não pode ser ignorada. Os mercados financeiros movimentam triliões de dólares por dia.

Mas a globalização não tem apenas impacto na economia, afecta outros campos como o social e o tecnológico. A comunicação electrónica, não é apenas um meio de fazermos passar informação rapidamente, o facto de ela existir mexe, indiscutivelmente, com os nossos padrões de vida. Todas as mudanças provocadas pela globalização, que têm um poder de influência muito alargado, não só na Europa como também nos Estados Unidos da América, causam desconforto noutros países que se sentem influenciados por esta “americanização”, deitando abaixo culturas que se enquadravam num contexto muito próprio, onde não há lugar para as regras da dita globalização, causando profunda estranheza e mal-estar. Nacionalismos florescem na sombra das sociedades cosmopolitas, em resposta às tendências globalizantes. “(...) a globalização não é um incidente passageiro nas nossas vidas. É uma mudança das próprias circunstâncias em que vivemos. É a nossa maneira de viver actual.” (Anthony Guiddens)

Mas “para onde é que vai o Mundo?” diria Edgar Morin

Nos anos 70 tinha-se a nítida sensação de que tudo estava dominado e que se conseguia controlar o futuro, mediante acções tomadas no presente. As cidades eram construídas sobre fortes alicerces

para um sólido futuro em que colheriam os frutos maduros da modernidade. Esta visão não está de todo errada, no que concerne à última linha de pensamento; a questão está em perceber que tipo de frutos se iriam colher, se laranja cheias de sumo muito doce ou semelhantes a limões tremendamente amargos. Com efeito, os especialistas perderam de vista que os instrumentos utilizados para tirar essas peremptórias conclusões sobre o futuro, estavam perfeitamente desenquadrados da realidade; desta forma, reforçavam ainda mais a cegueira que os homens tinham, não só relativamente às coisas imprevisíveis, como também às previsíveis. Os cientistas dos anos 70 tinham uma concepção simplista, acreditavam que tudo sabiam acerca do passado e do presente, daí conseguindo prever o futuro, fundando essa visão numa racionalização das coisas levada a extremos.

Mas, a realidade é menos bonita e menos agradável que a teoria. Constatamos que, cada vez mais os acontecimentos fogem ao nosso controle e verificamos tristemente a nossa impotência em dar soluções às catástrofes que nos atormentam. Começa a perceber-se que, afinal, a realidade não é tão simples assim e que a primeira dificuldade na previsão do futuro é a dificuldade de conhecer o presente. Mas não ficamos por aqui em termos de incertezas relativamente ao que se poderá passar no futuro. É verdade que o presente contém embriões que se poderão desenvolver e vir a fazer parte do futuro, mas factores como inovações e invenções técnicas são desvios que ocorrem e que não podem ser previstos. Registaram-se grandes modificações de ordem económica e cultural ficando para trás culturas milenares. Assim, o encadear de inovações/ desvios/ tendências/ contratendências/ conflitos/ crises/ perturbações, passam a fazer parte do presente e a ditar novas regras de estruturação e organização da sociedade, produzindo voltas e reviravoltas no sistema. O devir passa a pertencer improvável, nada pode ser predito com certezas. Prever torna-se a partir de agora, numa exploração dos vários "turbilhões que vão dando à costa". É um século de sucessivas crises, que fracturaram a linearidade, que perturbam o sistema e que produzem o aumento da eventualidades e incertezas, que mais uma vez se manifestam através de um antagonismo baseado, por um lado no desenvolvimento rápido de desvios em tendências, por outro lado da aceleração de processos desestruturantes que provocam constantes rupturas nas regulamentações. Mas... "A crise não é o contrário do desenvolvimento, mas sim a sua própria forma." (Edgar Morin)

O fenómeno da moda

A compreensão do fenómeno da moda ajuda a perceber muitas posturas tomadas no seio de um grupo. As constantes mudanças que vêm verificando neste século incentivam as pessoas entrarem "nesta onda" e a sentir frequentemente uma necessidade de mudança dos artefactos que habitam o seu mundo. Deste facto, resulta uma heterogeneidade de interesses e gostos, que dão origem à formação da cada vez maior segmentação do mercado. Esta situação cria uma sociedade que exalta o desperdício e a rápida rotação de produtos, mas que por outro lado, se revolta contra esta ideia e que toma decisões comportamentais que a repudiam, que dão origem a fundamentalismos (aceitação e defesa de um conjunto de princípios tidos por verdades fundamentais e indispensáveis a uma determinada consciência individual ou colectiva).

Podemos então afirmar que a moda é um dos mais importantes fenómenos de análise da sociedade, reflecte atitudes e variação de ideais humanos, através de artefactos escolhidos para fazerem parte do seu mundo. É um dos mais importantes instrumentos de medição de padrões de gosto, para disciplinas como a psicologia, sociologia, economia por ser um elemento caracterizador das preferências pessoais. Georges Simmel partia do modelo "trickle-down" para explicar e estruturar esse fenómeno que é a moda. O modelo era composto por uma pirâmide. No pico situavam-se as classes dominantes, que detinham o poder económico e nível de instrução mais elevado. Na base encontravam-se as classes mais baixas. Os estilos encabeçados pelas classes do topo da pirâmide, seguiam o movimento "trickle-down", chegando às classes menos abastadas, imitações de fraca qualidade e conseqüentemente mais baratos. Os grupos cimeiros, tinham sempre a preocupação de olhar para os outros, no sentido de saberem se estavam a ser imitados e em caso afirmativo procederem à aquisição de novos artefactos que os distinguíssem. Este processo entrava assim, num ciclo contínuo que alimentava as indústrias. Mas, nos nossos dias, com as sucessivas mudanças de que a sociedade é alvo, esta organização já não é ajustada aos novos padrões. Uma das grandes mudanças sentidas nos países mais desenvolvidos, foi o alargamento da classe média alta e o aumento do poder de compra que, conseqüentemente, determinou uma diminuição do poder que as classes mais ricas tinham em termos de imposição de moda. As pessoas começam a organizar-se não tanto pelo poder económico, mas também por

outros ideais apoiados numa grande carga simbólicas, transportadora de valores éticos, sociais ou espirituais. Deixamos de ter um sociedade organizada em forma de pirâmide para termos pequenos aglomerados, chefiados por um líder de opinião.

Poderemos, no entanto questionar a legitimidade da inserção da moda nos sistemas de produção cultural? Pensamos que faz todo o sentido partirmos deste posicionamento do sector, ou do sistema já que ele joga um papel essencial enquanto “pivot” de articulação da produção com o consumo, protagonizando o importante papel de intermediário cultural e endereçar essas ofertas correctamente aos compradores potenciais. É fácil de concluir que a moda tem importância no processo de criação de artefactos, pois é ela que nos dá a indicação dos valores actuais de acordo com um mercado específico.

As tendências actuais

E, neste momento, quais são os valores que as pessoas mais prezam?

A cada passo, e á medida que as tecnologias vão avançando no seu processo evolutivo, à medida que o grau de instrução das classes médias vai aumentando e o número de ofertas começa a ter alguma importância e os produtos de tornem artefactos cada vez mais “inteligentes”, deparamo-nos com um consumidor consciente e atento aos problemas que a Humanidade enfrenta, nos mais variados níveis. Preocupações com o ambiente (na procura de objectos feitos de matérias recicladas), com o desporto e a vida ao ar livre, a simplicidade, a ludicidade, o easy-going, o high-tech, o atrevimento contestatário, a afectividade, a solidez da história, são alguns dos valores que encabeçam as quatro linhas de tendências, que povoam as preferências dos consumidores actuais.

Retorno à natureza ... significa para um cada vez maior número de pessoas, o percorrer de um caminho contrário aquele que seguiam até agora e que produziu estragos irreparáveis na natureza: espécies em vias de extinção, degradação de ecossistemas e criação de cidades fantasma, roubando espaço aos tempos de diversão. Sente-se necessidade de arranjar respostas rápidas no sentido de reencontrar a calma perdida e tempo para coabitar com outros espaços que não os citadinos. A ideia do regresso à natureza dá preferência a objectos recicláveis, de cada vez maior durabilidade estimulando o uso das

chamadas “tecnologias limpas” e materiais naturais. Consequência directa deste tipo de valores, é a forte influência que exercem sobre a decisão de uma empresa, na opção por outro tipo de práticas

Optimismo realista...surge com o nascimento do novo século, novas esperanças se levantam e levam as pessoas numa onda de optimismo. Aposta-se num futuro onde sejam minorados os problemas dos indivíduos, com ambientes aprazíveis onde estará implícita a melhoria da qualidade de vida. O humor ocupará por isso uma função de destaque, reportando para as nossas vidas os contos infantis de universos mágicos, que darão espaço à espiritualidade. Denota-se uma preferência por formas simples, minimais, respeitando a verdadeira funcionalidade do objecto, de apresentação pouco enriquecida do ponto de vista formal, mas com a qualidade patente. Deixam para trás o excesso de formalismo e a má gestão dos tempos, em função da criação de uma harmonia entre o trabalho e o prazer.

Perfil tecnológico...nasce das ideias trazidas pela globalização, que traz consigo modificações muito incisivas, que os órgãos de comunicação ajudaram a obter fazendo-se valer das novas tecnologias. Há um gosto exacerbado pelo “high-tech”, devido, em grande parte, às performances tecnológicas, a que a Internet dá rosto. Propõe uma uniformização do gosto e das atitudes para lá das fronteiras geográficas e o grupo mais afecto a este tipo de artefactos são os adolescentes, que fazem com que este negócio tenha grande expressão económica.

Identidade com verdade... significa para cada vez maior número de pessoas a resposta a atitudes globalizantes, na procura valores mais específicos que correspondam à sua forma de pensar a vida. Este ideal levou-os ao encontro de histórias com uma identidade própria e verdadeira, que fossem diferenciadas de toda a massa de produtos globais. Os consumidores que privilegiam o “eu”, o reencontro com as suas raízes, permanecem firmes contra os valores estandardizados e padrões impostos. São consumidores curiosos, seduzidos por objectos que sejam algo mais do que a própria função os obriga, que sejam carregados de uma simbologia específica, que traduzam uma história diferente daquela que é vivida nas grandes cidades, grandemente condimentadas de stress e confusão. Preferem os ambientes rurais, de paisagens poéticas que despertam a sensibilidade a cada passo que damos, a cada esquina que contornamos. É essa visão idílica que esta massa populacional procura. Em resposta, surgem objectos baseados nas raízes identificadoras de cada povo, fazendo um forte apelo ao convívio com este tipo de

culturas que pouco ou nada têm de global. É à luz desta tendência que se explica o interesse pelas as peças de forte apelo a raízes etnográficas, onde o design dá uma ajuda, no sentido de actualizar linguagens que possam estar desenquadradas das necessidades actuais

O artesanato

O percurso do artesanato nem sempre foi linear. Sofreu um grande embate com o aparecimento da revolução industrial, pela conseqüente serialização dos objectos vendidos a preços mais baixos. Já em fins do séc.XVIII se acreditava que o artesanato estava condenado ao desaparecimento, face à revolução que se deu no fabrico dos objectos. Mas com o virar do séc. XIX, o artesanato ganhou novo alento perante a confusão instalada no sector económico da sociedade. Já na década de 80 assistiu-se ao ressurgimento do artesanato, representando alguma importância para o campo social e económico, libertando o homem nas actividades lúdicas. Desde então o artesanato tem vindo a ser conservado e revalorizado, na salvaguarda de patrimónios “em vias de extinção”. Verifica-se uma relação de proximidade afectiva com o tema artefactos tradicionais e por consequência, todo o universo cultural que os rodeiam, criando em nós uma forte relação com a ruralidade.

A União Europeia tem vindo a apoiar todo o tipo de iniciativas para a promoção de artefactos artesanais e para o reforço das identidades culturais de cada povo. São disso exemplos os projectos: *easycraft* (projecto do Fundo da Comissão Europeia, cujo principal objectivo é desenvolver uma plataforma de comunicação electrónico, tendo em conta as necessidades do sector) e *SMART* (que fomenta a mobilidade transnacional de pessoas em formação nas artes e ofícios na União Europeia), com o objectivo de fomentar o conhecimento e a divulgação da cultura e da história dos povos europeus, bem como a conservação e preservação da herança no seu significado europeu.

Inteligentemente, a Comunidade Europeia, hoje União Europeia, percebeu que esta era a altura estratégica para incentivar a mais valia de que dispõe com o artesanato típico de cada povo. Será que é uma tentativa de liderança económica, aproveitando a predisposição das pessoas em relação a estas matérias? Será um aproveitamento estratégico do cansaço sentido relativamente à cultura do desperdício (“The american way of life”)?

A nossa Cultura

Por cultura pode-se considerar um conjunto de comportamentos, de crenças, de instituições e de outros valores morais e materiais, característicos de uma sociedade. Hoje em dia, não se pode dizer que a cultura está confinada a um espaço geográfico, excepto no que se refere à cultura tradicional que se encontra imperativamente confinada a um espaço geográfico caracterizados por comportamentos, usos e costumes, instrumentos e objectos que apenas fazem sentido, quando reportados àquela realidade concreta. No entanto a cultura tradicional também deve ser criadora e dinâmica. Estes “pequenos mundos” albergam o artesanato, constituindo um dos elementos caracterizadores transmitidos de geração em geração. Adaptar os vários tipos de artesanato às exigências dos mercados actuais é o principal objectivo de cada país. Mas o interesse no artesanato, não é apenas de ordem cultural ou mesmo social, há interesses económicos muito fortes subjacentes a todas estas iniciativas.

Um dos problemas que a União Europeia enfrenta, de há alguns anos a esta parte, é a taxa de desemprego, que aumenta à medida que o progresso tecnológico, segue o seu rumo. A autonomização das máquinas, provoca um conseqüente aumento da taxa de desemprego, e não havendo solução à vista para travar os números.

Uma vez que, parar o desenvolvimento tecnológico seria um pensamento completamente absurdo, surge então a ideia de aproveitar a predisposição dos consumidores e promover o artesanato. É uma actividade geradora de emprego em que o trabalho desenvolvido é essencialmente manual e onde a presença do homem é imprescindível. Tendo em conta a grande diversidade das actividades artesanais e os reduzidos investimentos em equipamentos tecnológicos, poderemos dizer que estamos perante uma iniciativa que promete traduzir-se em acções frutíferas, não só no desenvolvimento do sector como também na redução da taxa de desemprego europeu.

O isolamento, o conservadorismo relativo a um saber adquirido através de várias gerações (incluindo a ideia do “segredo de fabrico”), as duras condições de trabalho, a concorrência oferecida por países terceiros na imitação de artefactos, as deficientes organizações a nível de gestão, distribuição e comercialização, são algumas das dificuldades com que este sector se defronta. Torna-

se imprescindível saber o que deve ser o artesanato no presente e no futuro. O que não pode é continuar a pensar-se que o artesanato é uma actividade menor e o seu desenvolvimento deve ser acompanhado por uma política de crescimento adequada. Deve permanecer, no artesanato, uma necessidade viva de evolução e mudança, sem desvirtualizar as suas raízes. Toda e qualquer iniciativa deve ser pensada e integrada num contexto local, inserida no âmbito nacional. Deve estimular-se a mobilização de acções com vista à transformação das economias locais, por forma a torná-las mais sólidas, através da criação de empresas, utilizando e valorizando recursos e potencialidades locais. O artesão também não deve permanecer estagnado no seu conto, devendo aderir constantemente a acções de formação. O objectivo é que o artesão tenha conhecimentos mais de acordo com as realidades que vivemos, mantendo-se atentos às sucessivas mudanças. Melhorando a qualidade da formação consegue-se melhorias na qualidade dos trabalhos apresentados.

O CRAT - Centro Regional de Artes Tradicionais

O CRAT é uma associação sem fins lucrativos criada para a promoção e investigação do artesanato português, abrindo um espaço de diálogo entre o tradicional e moderno. Tem como sócios fundadores a Câmara Municipal do Porto, a Comissão de Coordenação da Região Norte e o Ministério da Cultura -Delegação Regional do Norte. Os principais objectivos desta instituição é a promoção e divulgação de iniciativas que permitam a valorização do artesanato português, desenvolvendo projectos a vários níveis: estudo e investigação sobre as artes e ofícios tradicionais; criação estruturas de apoio ao artesão (espaço de comercialização de peças artesanais, base de dados facultando informações sobre todo o tipo de oficinas existentes); elaborar exposições com o intuito de promover as ofícios tradicionais; realização de ateliers com o objectivo de formar pessoas interessadas pela matéria em causa, criando e participando em projectos de animação cultural na cidade do Porto.

Para não deixar cair em esquecimento nenhuma destas iniciativas, o CRAT organizou-se em quatro sectores fundamentais, cada um responsável por uma área específica. São eles: o Centro de estudos e documentação, o gabinete de apoio ao artesão, as oficinas e as exposições. O centro de estudos e documentação visa recolher e reunir informação sobre o artesanato português, incentivando a investigação na área. É, neste momento, a única

instituição que faz investigação, acompanhada de edições sobre o assunto. Exemplo disso são os catálogos publicados com uma certa regularidade, ou a edição trimestral da revista Mãos voltada essencialmente para a discussão de temas referentes ao artesanato.

O gabinete de apoio ao artesão cria condições por forma a facilitar a inserção dos artesãos num mercado altamente concorrencial como o de hoje. Para isso criou um espaço com o intuito de comercializar peças artesanais, sujeitas a uma selecção regulada por critérios de qualidade. Outra iniciativa levada a cabo por este centro, foi a elaboração de uma base de dados onde constasse todos os dados referentes aos artesãos (localização das oficinas, tipos, características sócio-culturais, técnicas de produção). Para facilitar um rápido acesso a esta informação concebeu uma aplicação informática, que brevemente estará na Internet, pondo em contacto oficinas e artistas com potenciais interessados nestes serviços.

Outro sector é dedicado às exposições, sendo o CRAT reconhecido pela qualidade de concepção e produção das montagens. O rigor científico dos conteúdos e a qualidade estética patente nas exposições são a razão desse reconhecimento. Têm como principal objectivo a divulgação do património cultural social e artístico do nosso país, servindo como ponto de partida para algumas investigações sobre o tema. Este tipo de iniciativas serve também como meio de registar actividades já extintas ou como espaço de diálogo entre o artesanato tradicional e o contemporâneo, com o intuito de levar as pessoas à realização de experiências de aproximação e aperfeiçoamento de artefactos. Exemplo disso foi a exposição "reinterpretar a matéria", sob a organização da ESAD (Escola Superior de Arte e Design), que o CRAT albergou em suas instalações. O principal objectivo desta exposição a mostra de peças feitas por alunos dos cursos de Design ou já profissionais deste campo, que em estreita colaboração com o artesão tivessem criado peças aproveitando as técnicas existentes e ajustando-as às necessidades actuais.

O outro sector, as oficinas, é dedicado á aprendizagem de técnicas tradicionais através da realização de ateliers dirigidos aos mais diferenciados públicos. São exemplo disso, a criação de ateliers dirigidos a amadores e que portanto, pouco ou nada sabem sobre o assunto. Promovem também a formação de artesãos ou de professores e a organização de workshops onde se juntem artesãos e designers para uma troca de

saberes, alargando assim o campo de visão de ambas as partes.

Bibliografia

Morin, Edgar, *As grandes questões do nosso tempo*, Editorial Notícias, 4ª Edição

Guiddens, Anthony, *O mundo na era da globalização*, Editorial Presença, 1999

Neves, Mário, *Artesanato – Medidas de apoio numa perspectiva de desenvolvimento da actividade*, Instituto da Formação e Emprego, Nov./99

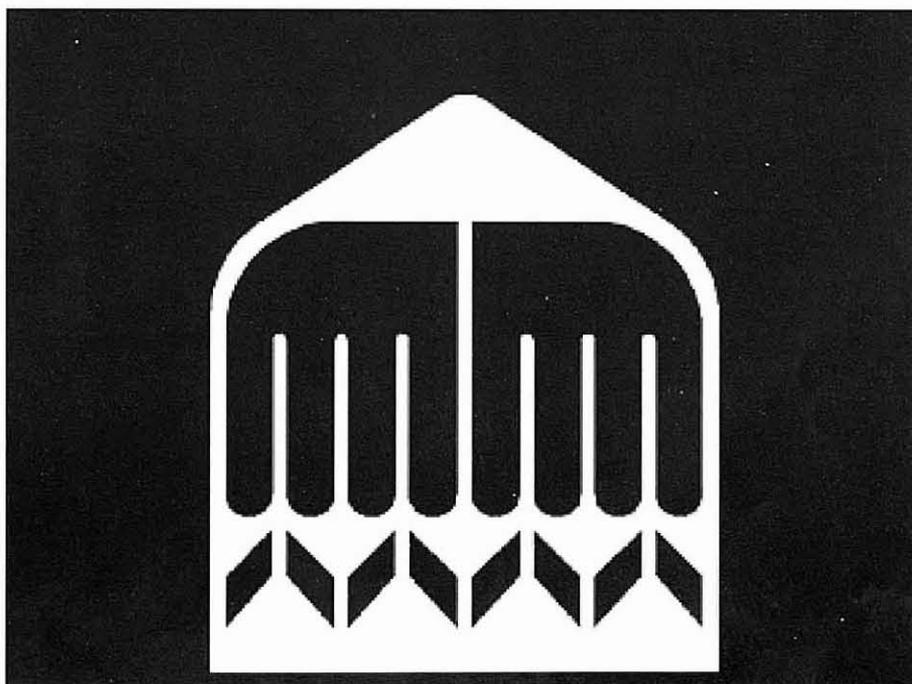
Rodrigues, Adriano Duarte, *Para uma geneologia da experiência técnica*, conferência proferida em Junho na Universidade de Aveiro



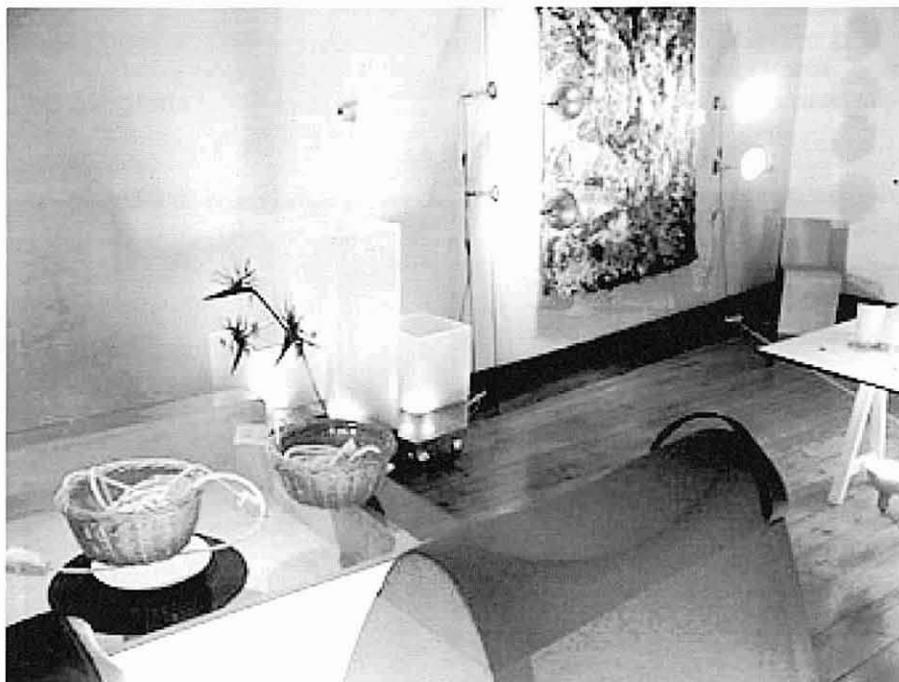
Aldeia da Anta - Lazarim



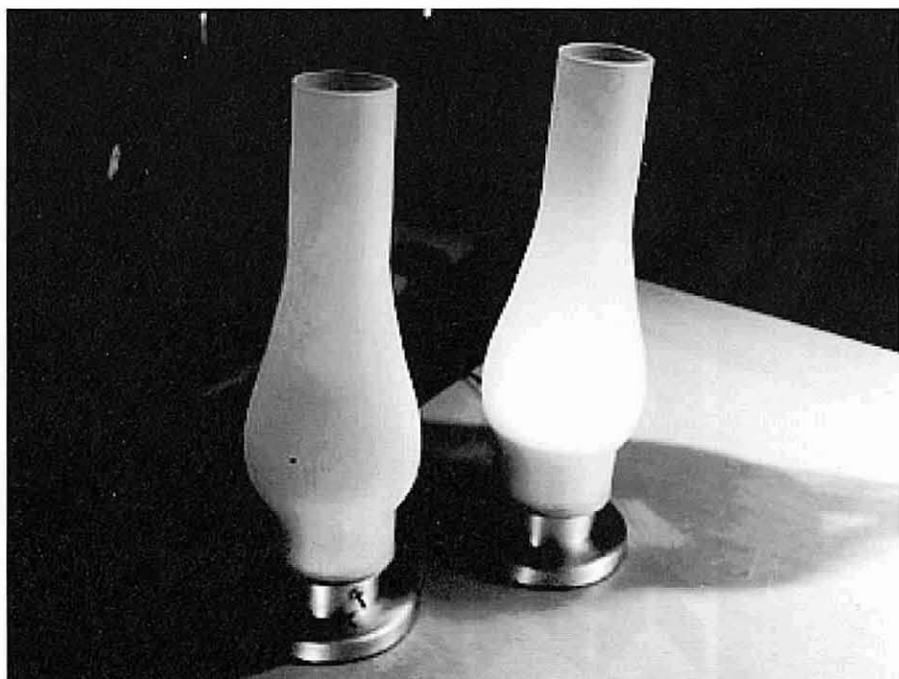
Aldeia da Anta - Lazarim



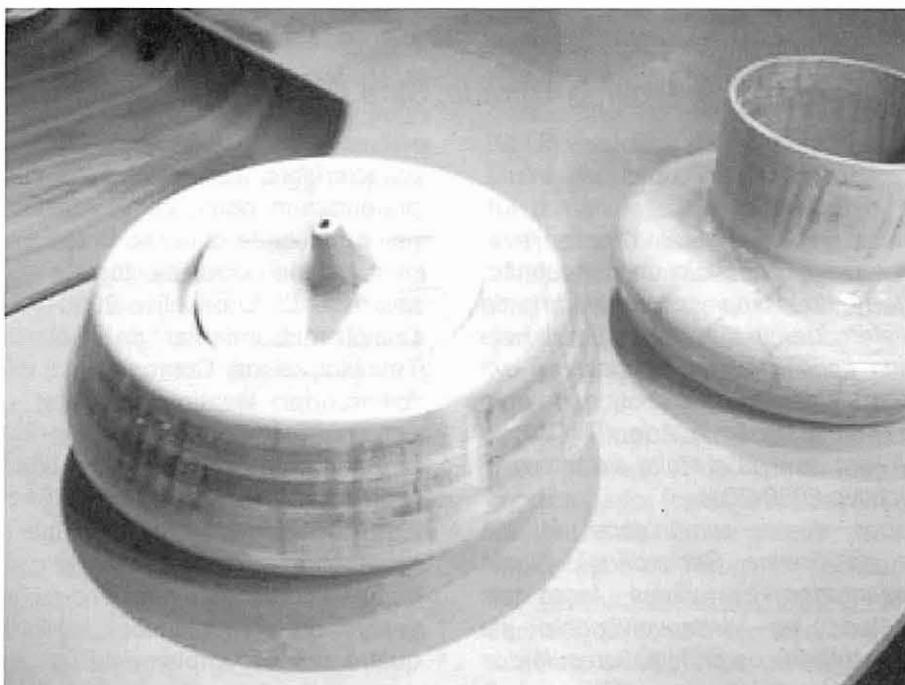
Logotipo do CRAT



Exposição "Reinterpretar a matéria"



Sud - express (candeeiros recarregáveis em chapa de zinco e vidro) - Rita Filipe



Zanax (candeeiro sem fios, a gás ou a azeite) - Rogério Oliveira